

OS NETOS COMEM PIOR QUE OS AVÓS

Não é caso para desesperar porque os últimos indicadores mostram os bisnetos a reencontrar a verdadeira comida, muito adulterada, ou mesmo abandonada, nestes derradeiros 30 anos. O futuro prevê-se mais colorido.

Cerca de seis milhões de portugueses, mudaram de religião domiciliar, dentro ou fora do país, desde 1950. Um grande corte com o abastecimento tradicional e com os hábitos alimentares inculturados, em simultâneo com grande transformação da economia.

Quando a economia alimentar era “agrícola e doméstica” produzia-se em casa, ia-se buscar ao vizinho e compravam-se certos alimentos na loja conhecida. Escolhia-se com razoável liberdade, de acordo com gostos, hábitos e posses.

O autoconsumo atenua-se à medida que avança a economia “comercial e diversificada”, o comerciante assume importância preponderante entre produtores e consumidores distantes e desconhecidos, propondo e garantindo o que vende. Ganham força os produtos de marca e perdem lugar os alimentos naturais perecíveis; estes novos produtos possuem as características próprias de cada produtor, fiel às suas receitas e aos seus padrões, e adequadas a determinada clientela.

A economia alimentar, hoje, é de tipo “transnacional industrializada”; produtos de longa duração, provenientes de fabricantes tendencialmente incógnitos que fabricam para diversas marcas as mesmas coisas, eventualmente com formatos, sabores ou coloridos diferentes. O comerciante deixa de ser interlocutor porque o cliente é um recolhedor. O novo comprador não sabe o que compra e é seduzido por características que pouco têm a ver com valor alimentar ou nutricional. A liberdade de escolha decresce. Instala-se a monotonia pseudo-diversificada. As marcas tornam-se desejadas, sobretudo quando os seus preços são promocionais, embora o barato não faça poupar dinheiro, mas sim, adquirir mais. A comida deixa de valer como alimento para se comportar como produto.

Como Comem os Portugueses? ⁵

De formas muito variadas, conforme o poder de compra, nível sócio-cultural e a região onde vivem. Não há uma maneira portuguesa de comer.

Quadros directivos e técnicos e outros cidadãos comem pelo figurino ocidental:

Abusam da carne e do pescado exageram em comida engordurada, doçaria e bebidas alcoólicas; evitam farinácios e alimentos horto-frutícolas; concentram o que comem em duas volumosas refeições.

As classes intermédias urbanas comem também muito mal, embora de outra maneira: vão comendo e bebendo sem critério e as refeições autênticas são substituídas por um agregado de produtos industrializados, muitas vezes como se fosse um piquenique. Escasseiam alimentos autênticos: cerveja e refrigerantes são as bebidas.

Atravessando vários grupos sociais, embora com predomínio no campo e nos aglomerados urbanos pequenos, a alimentação tradicional de tipo mediterrânico mantém-se, apesar de algo adulterada (com mais carne e doçaria do que no modelo característico). Abundam horto-frutícolas em natureza e alimentos farinácios, o azeite é a gordura. Refeições estruturadas.

Cerca de milhão e meio de portuguesas passam fome. Uma metade, por falta de meios; cidades grandes e subúrbios são os locais onde mais abundam pobres sem terem para comer. Outra metade (o número é assustador e continua a crescer) é constituído por



maníacos do regime, por pessoas, sobretudo adolescentes e jovens adultas, que cortam à comida sem critério. São os sempre em dieta, os maníacos dos regimes.

Quase um terço dos portugueses ainda come bem, apesar da revolução demográfica e da pressão consumista de bens alimentares. São os que mantêm a nossa cultura gastronómica. São os que endireitam as nossas estatísticas sanitárias.

Quase 10% é pobre a ponto de não ter de comer. Pobre país de desigualdades e exclusões.

Educação Alimentar

O resto dos portugueses não sabe como comer; perdeu de vista a cultura estruturada, ao longo dos séculos e não distingue o valor do que lhe vendem hoje. Tem que saber, quer aprender. Quem ensina? E onde?

Emílio Peres